

José Pedro Medeiros, da Associação Amigos do Calhau

Aumento do consumo de plástico devido à Covid-19 preocupa associação ambiental

POR ALEXANDRA NARCISO

O uso de plásticos não reutilizáveis aumentou durante a pandemia mundial de Covid-19. São materiais que estão presentes, por exemplo, nos equipamentos de protecção individual, como máscaras e luvas, e que são essenciais para combater a propagação do novo coronavírus.

Uma situação que preocupa a associação ambiental Amigos do Calhau. “Nós olhamos para esta questão com muita preocupação”, afirma ao Diário dos Açores, o Presidente, José Pedro Medeiros.

“Durante o ano 2019 e de 2020 já se via uma redução, a nível mundial, da utilização do plástico, fruto das campanhas que associações andam a fazer e também dos governos, já consciencializados para esta situação. Mas depois surge-nos esta pandemia que vem trazer um problema muito, muito grave”, afirma.

Numa fase inicial, recorda, “toda a gente achou que a pandemia seria, de certa forma, boa para o meio ambiente e que o planeta até agradeceu. Houve menos aviões, barcos e carros a circular, as pessoas ficaram mais tempo em casa e houve menos emissões de CO2”.

Mas surge, depois, do outro lado da moeda. “Viu-se que o plástico seria o grande ‘amigo’ na defesa contra o coronavírus. As pessoas começaram a usar as máscaras, as luvas, os fatos de protecção pessoal, tudo em plástico ou materiais derivados de plástico. E isto veio trazer-nos uma preocupação enorme”, considera.

A situação é preocupante, mas José Pedro Medeiros admite não saber qual a solução viável para travar este uso do plástico, numa altura em que saúde pública é a palavra de ordem.

“É difícil pensar em soluções neste momento, pois é certo que estamos a viver tempos anormais”, refere. Mas há pequenos gestos que poderiam contribuir para a redução do uso deste material e dá um exemplo.

“Na altura de confinamento, muitas pessoas recorriam aos serviços de ‘take-away’ dos restaurantes e poder-se-ia ter feito uma campanha de sensibilização para que as pessoas levassem de casa as suas marmitas ou outro recipiente, em vez de receber as refeições nos recipientes de plástico. Isto poderia ter sido aplicado facilmente aqui nos Açores”, salienta o ambientalista.

Quatro gramas que levam 400 anos a degradarem-se

Sobre as máscaras descartáveis, José Pedro Medeiros alerta que “são quatro gramas que podem levar 400



José Pedro Medeiros, da Associação Amigos do Calhau

anos a degradarem-se no ambiente”. Apela, por isso, ao uso das máscaras sociais, que são laváveis e reutilizáveis. “Não é uma solução efectiva, mas poderia contribuir de alguma forma”, acrescenta.

O ambientalista lamenta ainda que o plástico, “neste panorama que estamos a viver, tenha sido considerado quase o herói do combate ao vírus, com as luvas, as viseiras, as divisórias das lojas, dos táxis... tudo feito em acrílico. São todos materiais derivados do petróleo”.

A esperança é que, mais tarde, se recorra à reciclagem: “Espero que um dia muitos destes materiais sejam, não reutilizados, mas reciclados. Podem ser postos em quarentena durante o tempo necessário e depois

O ambientalista lamenta ainda que o plástico, “neste panorama que estamos a viver, tenha sido considerado quase o herói do combate ao vírus, com as luvas, as viseiras, as divisórias das lojas, dos táxis... tudo feito em acrílico. São todos materiais derivados do petróleo”. A esperança é que a reciclagem destes materiais venha a ser considerada.

reciclados”, defende.

José Pedro Medeiros admite, porém, que esta não será uma medida fácil de ser implementada. “Vivemos tempos complicados, não só ao nível da saúde, mas também a nível monetário, com empresas a fechar e o próprio governo com dificuldades para manter a economia a funcionar”, frisa.

Mesmo assim, defende que se devia analisar esta hipótese. “Já estava a ser feito um grande esforço ao nível da redução do uso do plástico... Não nos deixemos, agora, absorver por este domínio do plástico novamente, como forma de nos protegermos de

tudo e de todos”, alerta.

Questionado sobre se estará o Executivo açoriano a descurar este tema, o ambientalista afasta esta ideia. “Compreendo, neste momento, que o Governo Regional não tenha mãos a medir com esta crise de saúde pública. Mesmo os governos mais poderosos, dos maiores países do mundo, como os Estados Unidos, o Reino Unido ou a Índia, estão a ver-se ‘a braços’ com situações que não sabem como hão-de resolver”, sublinha, admitindo que “a questão da reciclagem do plástico fica agora um pouco na retaguarda das decisões”.

Mas, no meio de toda a situação, “é preciso bom senso e olhar para o planeta que tentamos a toda a força recuperar. Está a ser difícil, mas não podemos deixar que a pandemia venha desfazer tudo o que foi feito até agora”.

O ambientalista lamenta que estejamos a assistir a um “retrocesso muito grande”, quando já se conseguiam alcançar números na redução do plástico, a nível mundial, “muito interessantes”. E recorda que, em causa não está apenas a vida do ser humano, mas também a dos animais, especialmente os marinhos quando grande parte da poluição causada pelo plástico acaba nos oceanos.

“Com este aumento do uso do plástico, vai haver também um aumento das mortes de animais marinhos. Somos uma associação ambientalista que defende a orla costeira e o espaço marinho e, segundo as estatísticas que temos tido acesso, são já cerca de 100 mil animais marinhos que já faleceram devido a este aumento”, alerta o responsável.

alexandranarciso@diariodosacores.pt